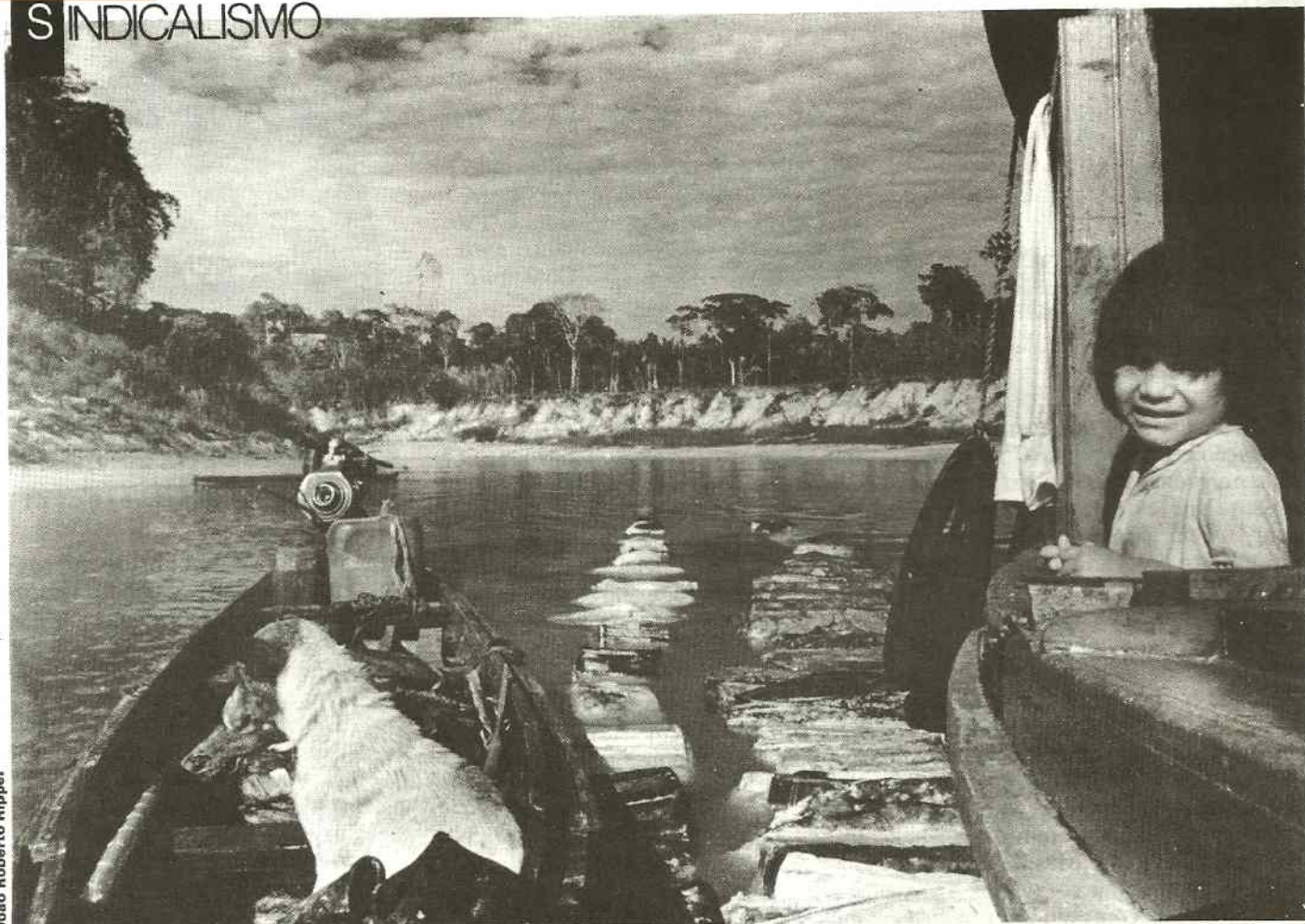


ligação

**Povos da floresta
acabam com
trabalho escravo**



**Collor:
mais cinco anos de
truculência**



João Roberto Ripper

Seringueiros

Escravidão, nunca mais

João Roberto Ripper*

Uma tradição de mais de cem anos de trabalho semi-escravo acaba de ser rompida: os seringueiros do alto do rio Juruá, no Acre, não pagam mais renda de borracha aos seringalistas. Organizados, eles criaram a Associação dos Seringueiros e Agricultores da Bacia do Rio Tejo, uma cooperativa que compra o produto pelo preço nacional e vende os mantimentos pelo preço do mercado. A Associação já conta com mais de 600 associados e preve para 1990 uma produ-

ção de mais de 400 toneladas de borracha.

Acabou, praticamente, uma situação de escravidão por renda e dívida. A exploração funcionava nos seguintes moldes: os seringalistas pagavam a metade do preço pela borracha e vendiam os mantimentos 70 a 100% mais caros que o mercado de Rio Branco. Neste caso, o pagamento era feito em mercadorias, sem nota, deixando o seringueiro sempre em débito com o seringalista. O velho escambo (troca de mercadorias), ainda tão atual nos sertões brasileiros, funcio-

nava a todo o vapor. O trabalho não recebia qualquer recompensa.

A cooperativa secou a fonte dos seringalistas e funciona como um instrumento de luta pela libertação dos seringueiros, colonos e ribeirinhos daquela região, através da implantação da reserva extrativista da bacia do Tejo. Resultado: de maio a setembro de 1989, os seringueiros produziram mais de 35 toneladas de borracha, dos quais sete mil quilos foram comercializados, pela cooperativa, com a cidade de Cruzeiro do Sul, situada a 360 quilômetros, por via fluvial, do armazém central da Associação.

Investimentos e projetos

A borracha que sai dos rios Tejo, Bagé e Amônia vem puxada por barcos, balsas ou canoas pelo rio Juruá ou Tinturenê que, na língua Kaxinawá (uma das onze nações indígenas que habita a região), significa Rio de Muitas Curvas. O resto da produção fica armazenado nos núcleos comunitários, protegido das secas de verão.

Investimentos da ordem de NCz\$ 126 mil já foram aplicados na cooperativa sob forma de mercadorias, meios de transporte e construções. A Associação tem vários projetos, entre os quais a implantação de 20 escolas e postos de saúde na região, que inclui a formação de 19 agentes e quatro supervisores, treinados por dois médicos contratados para acompanhar o programa nos dois primeiros anos.

Com verba conseguida na Embaixada do Canadá, o Conselho Nacional dos Seringueiros está adquirindo três aparelhos de rádio-amador que serão instalados em Cruzeiro do Sul, na Cooperativa do Tejo e no barco Chico Mendes, que faz o transporte da borracha nos rios da região.

União dos povos da floresta

Na luta pela demarcação e consolidação das áreas indígenas e implantação das reservas extrativistas, está prevista a criação de cooperativas amplas dos povos da floresta - seringueiros, índios e agricultores - em Cruzeiro do Sul, Tarauacá e Feijó. Na região de Cruzeiro do Sul habitam 90% da população indígena do Estado do Acre, num total de 11 nações: Powanawá, Nuhini, Katukina, Jaminawá, Araru, Jaminawá-Arara, Kaxinawá, Kampa, Shaminawá, Yamana-wá e Kulina, com onze idiomas diferentes.

Mas a cooperação não pára por aí. Existem projetos específicos para os índios, como o do povo Powanawá, do seringal Barão do Rio Branco, que visa o reflorestamento de 200 hectares com madeiras de lei - cedro, pupunha e castanheira, numa área desmatada e abandonada por seringalistas. Ou a ajuda aos índios Jaminawá-Arara, do rio Bagé, que só receberam da

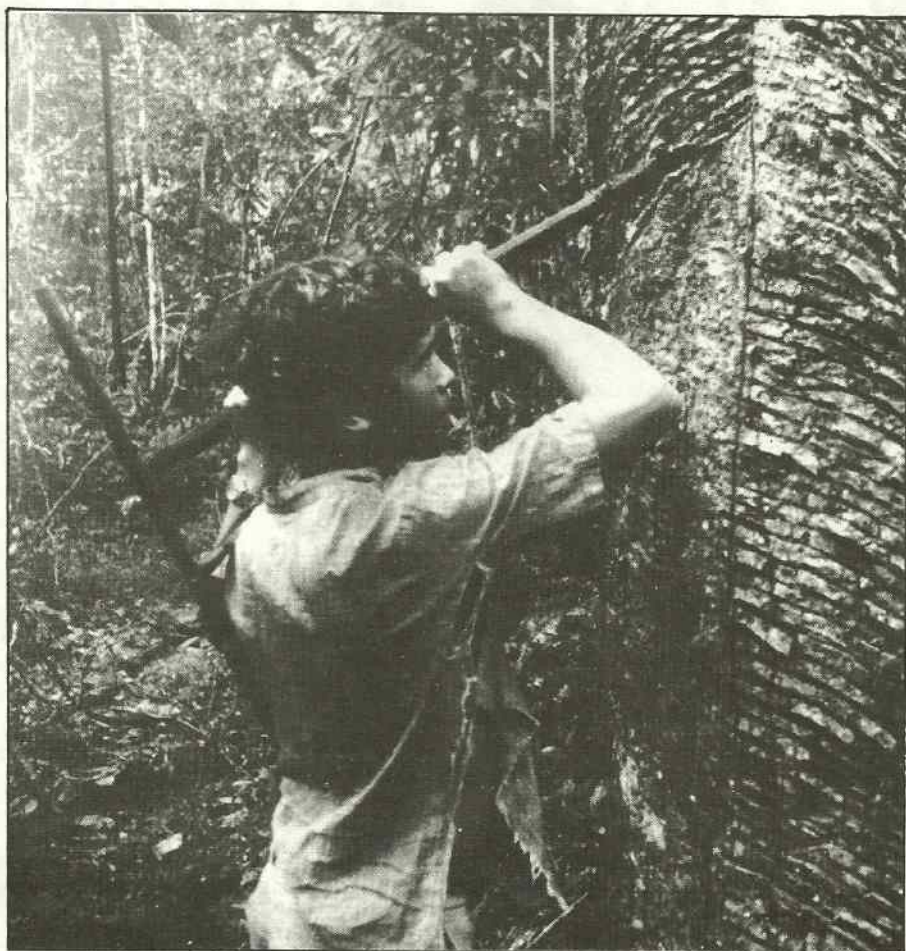
Chico Mendes, uma chama viva

Chico Mendes foi assassinado no dia 22 de dezembro de 1988. O crime continua impune. O processo de apuração está restrito às primeiras prisões. Mandantes e pistoleiros permanecem em liberdade, embora o inquérito policial já tenha se encerrado. A Justiça de Xapuri pronunciou dois dos acusados, Darly Alves da Silva e Darcy Alves Pereira, os únicos pistoleiros presos.

O julgamento em Tribunal do Júri ainda não está decidido e depende da desembargadoria de Rio Branco, que deverá deliberar entre acatar a decisão do juiz ou ceder aos argumentos da defesa dos pistoleiros, que reclama a nulidade do processo, alegan-

do que os acusados não receberam intimação para depor.

Apesar de todo o clima de violência e impunidade, Chico Mendes é uma chama viva. Passado mais de um ano de sua morte, a organização dos seringueiros do Acre é cada vez maior. Em Xapuri, a promessa de que nenhuma árvore seria derrubada está sendo cumprida à risca, com a realização de vários "empates", todos vitoriosos. Em Brasília, o líder seringueiro Osmarino Amâncio, apesar dos vários atentados e ameaças de que tem sido vítima, foi eleito presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, no dia 2 de setembro de 1989, com quase unanimidade dos associados: apenas cinco votaram contra.





**Faca e copo
usados no corte e
coleta do látex**

Fundação Nacional do Índio (Funai) os NCz\$ 900 destinados a cada nação mas, em compensação, tiveram sua cooperativa viabilizada graças à colaboração dos seringueiros, que cedem 10% das mercadorias da Associação.

Essas ações efetivam, na prática, a união dos povos da floresta. "Antigamente os patrões faziam com que a gente brigasse uns contra os outros e os seringueiros mataram muitos índios. Hoje estamos juntos, lutando contra os seringalistas", afirma o ad-

ministrador da cooperativa, Francisco Xavier.

Reserva extrativista

O maior de todos os projetos, porém, foi encaminhado ao Governo Federal pela União das Nações Indígenas (UNI) e pelo Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS). Trata-se da criação de uma reserva extrativista de 600 mil hectares, que abrigará cerca de 10 mil habitantes da bacia do Tejo.

A reserva extrativista é uma proposta de união dos povos da floresta, lançada por Chico Mendes no Congresso Nacional da Central Única dos Trabalhadores, em Belo Horizonte, em setembro de 1988. Foi também discutida por índios e seringueiros, nas matas do Acre, e assumida no 2º Encontro Nacional dos Seringueiros e 1º Encontro dos Povos da Floresta, em março de 1989, em Rio Branco.

Embora não exista formalmente,

Prisão, tortura e morte

A bacia do Tejo, região rica em madeira-de-lei, tem 226 mil hectares e responde por mais de 30% da produção de borracha do município de Cruzeiro do Sul. A comercialização do produto na bacia do Tejo, para variar, é marcada por uma série de complicações: a empresa Santana Empreendimentos Agropastoris Ltda., cujo escritório fica em São Paulo, se diz proprietária de 639.920 hectares de terra, numa região onde o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) constatou a existência de apenas 226 mil hectares, dos quais somente 70 mil pertencem à empresa paulista.

A Santana Empreendimentos, arrenda sua propriedade à firma Marmud Cameli Cia. Ltda. de Cruzeiro do Sul, que, por seu turno, subarrenda para quatro comerciantes. Em troca, recebe 10% da produção de uma área envolvendo 11 seringueiros, com mais de mil seringueiros, que extraem uma média de 600 mil quilos de borracha por ano.

A operação de compra e venda da borracha entre subarrendatários

e seringueiros se dá da seguinte maneira: para trabalhar, o seringueiro tem que pagar 30 quilos do produto, por ano, por "estrada" de seringa que possui. A "estrada" é uma figura geométrica indefinida, que dá uma volta e termina no lugar de origem. Cada "estrada" abrange de 90 a 180 seringueiras, tem de 10 a 15 quilômetros de extensão e constitui, com a casa da família, a área do roçado e as reservas de caça e pesca, a chamada "colocação". Normalmente, um seringueiro possui duas "estradas" de seringa, que numa safra boa chegam a produzir 600 quilos anuais.

O resto da produção é comprado pelo subarrendatário ou marreteiro, pelo sistema de aviamento ou escambo, que é o regime de troca da borracha por mantimentos. É aí que a coisa pega, porque os mantimentos são sempre muito mais caros do que a borracha produzida e o trabalhador fica constantemente preso à dívida e escravizado ao subarrendatário.

Os empréstimos representam metade das correntes que escravizam o seringueiro. Os subarrendatários tomam dinheiro aos bancos para comercializar a borracha, com juros e correção monetária médios de 1.000% ao ano. Esse empréstimo, que funciona como capital de giro, é repassado aos seringueiros com um lucro anual de 500% ao marreteiro, através do aviltamento de preço na compra da borracha e do valor inflacionário na venda dos mantimentos.

Francisco Elias da Silva, 78 anos, é um "ex-soldado" da borracha. Segundo ele, são inúmeros os casos de seringueiros presos, torturados e expulsos de suas "colocações", e até assassinados, por se negarem a pagar a renda e dívida aos seringalistas. Seu Francisco passou mais de 50 anos sem sair da bacia do Tejo e em toda sua vida conheceu apenas uma cidade, Cruzeiro do Sul. Para ele, "só a cooperativa e a união dos povos da floresta poderão libertar os seringueiros desta escravidão".

